

50 anos de Woodstock:
da contestação, criatividade e sonho
ao fim da inocência e da utopia



O ano de 1969 marca a passagem à idade adulta do rock and roll,

ao tomar consciência da sua carga revolucionária, da sua fonte disruptiva como instrumento de denúncia e de protesto. É o ano de Woodstock: num clima de total anarquia, de 15 a 17 de agosto meio milhão de pessoas celebram amor e música, e, inconscientemente, também o fim do “summer of love”. Apesar disso, aquele primeiro inesperado e improvisado megaencontro juvenil depressa se arvora em símbolo de toda uma geração marcada pelo slogan “peace and love”, pela transgressão das regras, e pela contestação a uma sociedade considerada retrógrada e conservadora, bem como a uma política de apoio à guerra.

É, com efeito, o ano de “Give peace a chance”, de John Lennon, que em breve se torna o hino global contra a “guerra suja” que se está a combater no Vietname, de “Fortunate son”, dos Creedence Clearwater Revival, outra canção antimilitarista, e de “Volunteers”, dos Jefferson Airlplane, que incita à revolução (no ano anterior os Beatles, com “Revolution”, tinham sido decididamente mais circunspetos). Mas é também o ano do álbum “Say it loud I’m black and I’m proud”, de James Brown, o disco que convence os negros a serem negros – como explicará alguns anos mais tarde o rapper Chuck D, dos Public Enemy –, a não se envergonharem de o serem e, até, de serem orgulhosos por isso.

Enquanto o mundo está com o nariz voltado para o alto, encantado por uma Lua repentinamente tornada mais próxima como aquele histórico passo de Neil Armstrong, a música permanece bem ancorada à Terra, a um planeta dividido em dois por uma cortina de ferro, e que está lentamente a descobrir divisão também entre um norte e um sul. Um mundo em que se combate uma guerra que na América, e não só, a maior parte não compreende, mas que devora o melhor

de uma geração. Uma geração que só na frente de combate parece não ter distinções de pele. De resto, as balas não distinguem entre brancos, pretos e amarelos.

A contracultura que se desenvolveu até então subterraneamente, consegue visibilidade, influenciando através das canções milhares de jovens. E se é verdade que toda a revolução precisa de uma música própria, a popular torna-se a banda sonora das pulsões daquele ano, começando a cavalgar com convicção e força o protesto que recrudescer, tornando-se o veículo mais eficaz.

Os cantautores norte-americanos constituem a vanguarda consciente de um exército que agita as guitarras como se fossem espingardas (já nos anos 40, Woody Guthrie tinha escrito na sua guitarra “This machine kills fascists”). Em Washington, a 15 de novembro, durante uma manifestação contra a guerra no Vietname, Pete Seeger dirige-se ao presidente e ao seu vice, desafiando-os: «Estão a ouvir Nixon? Estão a ouvir Agnew?». E a cada pergunta, os 500 mil manifestantes respondem com o refrão da canção de

Lennon: «All we are saying is give peace a chance».

Com Lennon e Seeger a apontar o caminho está também Bob Dylan, com as suas baladas compostas anos antes, de “Blowin’ in the wind” a “Masters of war”, de “Talking World War III Blues” a “The times they are a-changin’”, mas desempoeiradas e relançadas. Também as letras se tornam pilares de um movimento que se move entre pacifismo e luta pelos direitos civis. E que muitas vezes se confronta, na estrada, com as forças da ordem. Tema este sobre o qual se tinham cimentado no ano anterior os Rolling Stones, com “Street fighting man”, e a que regressem com força, no ano seguinte, Crosby, Stills, Nash and Young com “Ohio”, velozmente escrita por Young depois de ter visto na televisão as imagens dos embates ocorridos no campus da universidade Kent State, a 4 de maio de 1970. Nesse dia, para suprimir um protesto estudantil contra a guerra no Vietname, os soldados da Guarda Nacional dispararam sobre os manifestantes, matando quatro e ferindo nove.

Mas 1969 não é só música de protesto. As experimentações continuam, sobretudo do lado britânico. The Who produzem “Tommy”, um álbum concetual que é uma grande ópera rock. David Bowie, com o seu segundo disco, “Space oddity”, e a aventura espacial do Major Tom, guia o psicadelismo para o glam rock. Os Led Zeppelin confeccionam dois álbuns com um som poderoso, marcando o nascimento oficial do hard rock. Outros grupos começam a dar a saborear outros sons, como o progressivo (os King Crimson, com “In the court of the Crismson king”), e o punk (os MC5 com “Kick out the jams”). Tudo isto enquanto os Beatles, os maiores inovadores da música pop, entregam à história a sua última obra-prima, “Abbey road”. A 30 de janeiro, já mergulhados no seu longo adeus aos palcos, tinham tocado, enregelados, pela última vez em público, no teto do palácio que hospedava a Apple (a sua editora discográfica), no número 3 de Savile Row, em Londres, salvos do congelamento pela intervenção da polícia, que interrompe a exibição.

Muitos fermentos, portanto, e alguns tristes adeus nesse 1969. Que, no entanto, é também o ano da perda da inocência, e não só por causa da trágica cadeia de crimes executados pela “Family” do louco Charles Manson, com frases das canções dos Beatles escritas nas paredes como corolário dos delitos, e pela tragédia – um jovem morto às ordens dos Hell’s Angels – que mancha o concerto gratuito dos Rolling Stones em Altamont, pensado como resposta da Costa Leste a Woodstock.

É o fim da idade da inocência porque representa o culminar de uma trajetória destinada a um rápido declínio, àquele crepúsculo das ilusões que se consumirá nas décadas seguintes, naqueles anos 70 atormentados e autodestrutivos. A tonalidade de muitas canções torna-se mais áspera, mais enraivecida do que aquela claramente pacifista de composições símbolo como “Imagine”, de Lennon. O tempo – breve – das utopias tinha terminado.

GAETANO VALLINI /In L'Osservatore Romano / Trad.: Rui Jorge Martins / Imagem: D.R. / Publicado em 25.07.2019

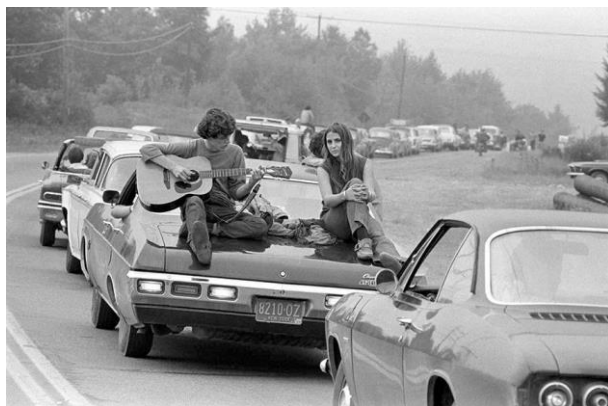
os jovens do Woodstock de 1969 eram assim

Por Fernando Bernal

Falámos com o fotógrafo Baron Wolman, que esteve naquele Verão de paz e música e retratou Jimmy Hendrix, Jim Morrison, ou os Rolling Stones.

BARON WOLMAN é considerado um autêntico guru da fotografia musical. E mérito não lhe falta. Foi o primeiro editor gráfico da *Rolling Stone*. Pela sua objetiva passaram nomes como Bob Dylan, Jim Morrison, Janis Joplin, Rolling Stones, ou Grateful Dead. Ainda que o seu preferido seja, e sempre será, Jimmy Hendrix.

Durante três anos ocupou o cargo na revista e coube-lhe documentar o primeiro Festival de Woodstock, talvez o primeiro megaevento de sempre, que durante quatro dias decorreu numa quinta dos arredores de Nova Iorque e que é considerado o marco fundador da música moderna. Isso entre muitas outras coisas, tanto a nível sociológico, como político, sexual e das liberdades.



Tudo isto está tremendamente bem refletido nas fotografias de Wolman. Imagens a preto e branco daquele Verão de amor, "de paz e música", como anunciava o cartaz promocional do evento, que são o melhor testemunho que temos hoje de um Festival que reuniu 40 bandas, mas que, sobretudo, foi o momento em que "nasceu e morreu o movimento" hippie, como recorda o fotógrafo.

Antes de uma visita a Madrid, juntamente com Michael Lang, fundador de Woodstock, para uma masterclass na academia "Atomic Garden" e para a inauguração de uma exposição fotográfica que estará patente na "Caja Mágica de Madrid", no âmbito do evento "Mad Cool", falámos com Wolman sobre música, estrelas rock, drogas, álcool, Hendrix, o rei do Festival e sobre muita paz entre todos.





VICE: Que recordações tens daquele primeiro Woodstock?

Publicidade

Baron Wolman: As minhas recordações? Bem, a vida era mais divertida, menos complicada e o Festival era um reflexo desse espírito de "vive e deixa viver". Um espírito autêntico. No que diz respeito ao evento em si, para alguém que gostava de música foi algo irrepetível, repleto de momentos memoráveis, logo desde o momento em que Richie Valens começou a tocar para 300 mil pessoas.

Como é que foi o teu trabalho naquele cenário?

Tirei fotografias, centenas de fotografias, não me lembro de quantos rolos, mas foram dezenas. Naquela altura era tudo mais espontâneo, as bandas não tinham 500 managers e 300 relações públicas e podias aproximar-te deles como querias. O meu trabalho foi, por isso, bastante simples: fiz o que me deu na real gana.

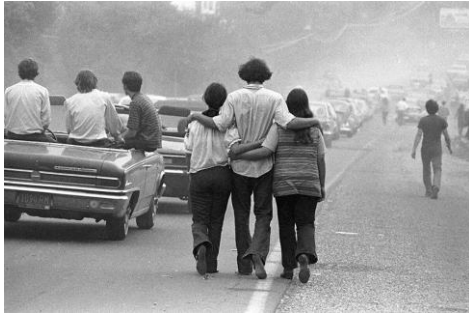
Que grupo ou artista recordas com especial carinho?

Jimmy Hendrix. Jimmy Hendrix foi rei em Woodstock.

E quem foi melhor, no que respeita a tirares as tuas fotografias?

Jimmy Hendrix, sem dúvida. Manuseava a guitarra como se fosse uma serpente. Mas devo reconhecer que o mais divertido foi tirar fotos ao público. nunca se tinha visto, nem sei se alguma vez se verá outra vez, algo assim.





Em relação ao público, como eram aqueles jovens de finais da década de 60?

Eram geniais. Só pensavam em beber, fumar e fazer amor. Não houve uma única briga durante aqueles dias e, se alguma vez existiu uma representação do espírito livre, foram, certamente, aqueles dias em Woodstock. O autêntico movimento hippie nasceu e morreu ali.

Como é que o universo da fotografia mudou desde Woodstock até hoje?

É um universo distinto. Sempre gostei da fotografia crua, sem manipulações, o que vês é o que é. Agora, tudo leva toneladas de photoshop e não sei mais quantas coisas. não quero saber de nada disso, porque não é fotografia, mas sim ficção científica. É por isso que há anos que não estou interessado em nada que tenha a ver com esse universo.



E o que pensas da música que se produz hoje em dia?

Na verdade, também não me interessa por aí além. Cresci com bandas verdadeiras, que tocavam música. O que existe agora é outra coisa e as exceções - que as há - podem contar-se pelos dedos de uma mão.

Na tua opinião, os Estados Unidos da América são agora um país com menos liberdades que nos anos 60?

Não sei responder a essa pergunta. Eu vivo de uma forma muito simples em Santa Fé, Novo México, e não faço ideia de como vivem os outros.

Tens algum segredo para sacar boas fotos para a capa de uma revista?

O segredo é comunicar alguma coisa: um momento, um flash, uma centelha. acho que é algo bastante intuitivo. De repente acontece alguma coisa que faz com que carregues no botão e essa é a foto que vai sair na capa. Nunca fui demasiado adepto de preparar uma foto, acredito mais na espontaneidade do momento e na minha capacidade para captar algo especial sem ter de me meter a dar instruções.

Obrigado, Baron.

Todas as fotografias cortesia Baron Wolman

<https://www.vice.com/pt/article/yv9qk7/jovens-do-festival-woodstock-baron-wolman-fotografias-musica> (29 Junho 2016)

Este artigo foi originalmente publicado na VICE Espanha

